

TEORIAS LINGÜÍSTICAS NA OBRA EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA

LINGUISTIC THEORIES IN EMÍLIA NO PAÍS DA GRAMÁTICA

Emilia Tavares Assunção¹
Sirlene Antonia Rodrigues Costa²

RESUMO:

A presente pesquisa visa analisar, a partir do livro infantil *Emília no País da Gramática* de Monteiro Lobato, algumas concepções lingüísticas apresentadas pelo autor dentro desta obra. A partir de uma abordagem literária foi possível extrair e posteriormente analisar a existência das noções de língua transmitidas pelo autor nesta fantástica criação destinada ao público infantil. Durante a pesquisa e produção do trabalho aprendeu-se muito a respeito da vida de Lobato e da sua importância para a literatura brasileira. Através de uma análise com atenção especial voltada para o lado lingüístico foi possível observar que alguns dos conceitos de língua vistos, de maneira implícita por Lobato nesta obra, apresentam certa sintonia com as teorias estudadas pelo lingüista Saussure (2001). Os ensinamentos lingüísticos contidos na obra somam-se aos gramáticos nesta incrível produção lobatiana e demonstram a genialidade e capacidade artística do autor.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; concepções lingüísticas; língua; infantil.

ABSTRACT:

The present research aims to analyze from the infantile book *Emília no País da Gramática* by Monteiro Lobato, some linguistic conceptions presented by the author into this work. From one literary approach was possible to extract and then to analyze the existence of language notions passed by the writer in this fantastic creation destined to the infantile public. During the research and production of the work it was learned very about Lobato's life and his importance for brazilian literature. Through an analysis with special attention directed to linguistic, it was possible to observe that some of the seen language concepts, implicit in this book by Lobato, feature a line with the theories studied by Saussure (2001). The contained linguistic teachings in the infantile book add to the grammar in this incredible production by Monteiro and demonstrate the artistic genius and ability of the author.

Keywords: Monteiro Lobato; linguistic conceptions; language; infantile.

Introdução

A literatura infantil é um instrumento muito importante para a cultura de uma sociedade, tendo em vista que as crianças exercem um papel social fundamental e faz-se necessário orientá-las de maneira coerente mostrando-lhes os valores morais e culturais exigidos pela sociedade contemporânea. Nesta obra de Monteiro Lobato, *Emília no País da Gramática*, temos um genuíno trabalho norteado entre pressupostos lingüísticos e genialidade literária, que leva a criança a um aprendizado tão divertido quanto qualquer outra brincadeira. Com a elaboração deste trabalho pretendemos uma tentativa de identificar e analisar alguns

¹ Graduada em Letras (Português/inglês) pela UEG, UnU-Itapuranga. tavaresassuncao@gmail.com

² Professora Mestre do Curso de Letras (Português/inglês) da UEG, UnU-Itapuranga. Orientadora do trabalho.

dos aspectos lingüísticos ensinados aos nossos pequenos leitores através desse maravilhoso mundo gramatical arquitetado por Lobato. No Brasil, a produção literária voltada para o público infantil segue uma trajetória marcada por profundas transformações ao longo do tempo, resultando em uma literatura bem elaborada. Monteiro Lobato, um dos principais nomes da literatura infantil no Brasil, abriu o caminho para que outros escritores pudessem dar continuidade ao desenvolvimento dessa literatura. Lobato inseriu na literatura infantil o humor e a crítica social em aspectos de fusão entre realidade e fantasia. Por seu excelente trabalho, Monteiro Lobato foi o autor escolhido para ser objeto de estudo nesta pesquisa.

Dentro da obra *Emília no País da Gramática*, podemos perceber a preocupação do autor com a linguagem. Ele ensina gramática e lingüística para as crianças de forma lúdica, como toda criança gostaria de aprender. De fato, não há muitas pesquisas que abordam esta obra, porém, é fácil notar que o estudo da lingüística encontra-se presente e contextualizado junto ao ensino da gramática. Considerando as questões sobre língua, que nesta obra são ensinadas, torna-se importante entender que concepções lingüísticas são essas que se aprende ao ler esta obra. Faz-se necessário questionar as pretensões de Lobato ao inventar uma nova forma de ensinar gramática e tentar descobrir a que corrente de estudos lingüísticos pertencem as concepções apresentadas na obra. Deste modo, podemos ter através do resultado deste trabalho um viés para auxiliar o desenvolvimento de uma melhor análise da obra e ainda ampliar a compreensão acerca do autor a que ela pertence.

A pesquisa se inicia com uma abordagem acerca da vida do autor, relatando algumas passagens interessantes e demonstrando alguns dos marcos de sua vida. Posteriormente teremos uma análise da relação entre Monteiro Lobato e a literatura infantil brasileira, ressaltando a influência e a importância do autor para a constituição dessa literatura. Em seguida há a intenção de aproximar o leitor da obra analisada neste trabalho, com o objetivo de situá-lo no universo a respeito do qual estaremos a desenvolver nosso estudo. A segunda parte desta pesquisa explora de maneira mais objetiva as concepções lingüísticas existentes na obra. Faz uma abordagem estruturalista do texto lobatiano e demonstra a ocorrência de certa sintonia entre o pensamento de Saussure e o pensamento de Lobato. Temos nessa fase do texto a intenção de elucidar algumas noções relativas às concepções apresentadas e demonstrar a relação das mesmas com o texto de Monteiro estudado.

Monteiro Lobato e a literatura infantil brasileira

Quando falamos a respeito do estudo de literatura infantil brasileira devemos pensar em algo que é relativamente novo. Somente a partir do século XVIII é que a criança começa a receber tratamento um pouco diferenciado do adulto, ela começa a ser percebida como um ser com necessidades e características próprias.

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas a cumprir esta missão. (ZILBERMAN apud CUNHA, 1990 p. 23).

O início de uma literatura voltada para a infância e juventude foi norteado por duas vertentes, a dos clássicos em forma de adaptação e a do folclore no que concerne aos contos, em especial os de fadas e que até o momento não se destinavam ao público infantil. Inexistia uma literatura específica para crianças. Podemos dizer que o que havia realmente durante os séculos XVIII e XIX eram coletâneas de grandes nomes como Perrault, La fontaine e Grimm que eram destinadas a adultos e que acabavam se transformando em leitura para crianças. No Brasil, no final do século XIX, embora já houvesse a cobrança por parte de uma classe média emergente, ainda não se produziam livros para crianças. Segundo Zilberman (2005), a literatura não contraria a velha Lei de Lavosier, conforme a qual nada se cria, tudo se transforma. Deste modo, muito da literatura destinada aos adultos se adaptou e traduziu para as crianças, algumas chegaram ao ponto de serem conhecidas quase que exclusivamente como infantis.

Esta seria a fase inicial da literatura destinada a jovens e crianças. Maria Antonieta Cunha (1990) a define com mais propriedade, denominando-a de fase embrionária da literatura infantil. Nesta fase, a literatura se alimenta de obras destinadas a outros fins como por exemplo o entretenimento adulto, não obstante as obras pedagógicas também influenciariam no surgimento dessa nova literatura. Podemos considerar como pioneiros deste processo de criação Carlos Jansen, Figueiredo Pimentel, Coelho Neto, Olavo Bilac e Tales de Andrade. Porém, a literatura infantil genuína e verdadeiramente brasileira surge somente com a contribuição inestimável de Monteiro Lobato.

Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac são os desbravadores da literatura infantil brasileira. Praticaram, cada uma a seu modo, a lei de Lavosier, já

mencionada. Sem eles, talvez os livros nacionais para crianças demorassem a aparecer; mas “fé e orgulho” teremos em/de Monteiro Lobato, o sucessor desse núcleo original, aquele que ainda hoje se lê e relê, graças ao patrimônio literário que legou. (ZILBERMAN, 2005, p.19)

Lobato escreve obras didáticas, a respeito de temas folclóricos ou imaginários e por algumas vezes ele reaproveita elementos e personagens da literatura infantil tradicional. Há em suas obras o questionamento social e uma inquietação intelectual envolvidos com a temática dos problemas nacionais e trabalhados pelo dialeto brasileiro. Podemos dizer que Lobato abriu o caminho para que as inovações que começavam a se processar no âmbito da literatura infantil fossem seguidas por muitos escritores de talento. Quando ele publicou a história *A menina de nariz arrebitado* (1920), rompeu com os modelos que regiam e organizavam o texto literário destinado ao público infantil e estabeleceu novos referenciais, centrados no estabelecimento de uma linguagem fundada no recurso ao fantástico e à imaginação.

Marisa Lajolo (1985) afirma poder-se notar que as obras de Lobato possuem características adequadas à Literatura Infantil. Por exemplo, o autor utiliza um vocabulário, muitas vezes, distante do costume infantil, entretanto, disponibiliza subsídios para o pequeno leitor compreendê-lo, dessa forma desenvolve o vocabulário infantil e não dispersa a atenção da criança. Quando falamos especificamente da obra *Emília no País da Gramática*, percebemos que não há muitos estudos que a abordem, porém não é difícil perceber que, de acordo com pressupostos teóricos, o livro além de ensinar gramática de forma lúdica desperta o interesse pela literatura.

Um olhar mais próximo da obra

A obra analisada nesta pesquisa, *Emília no País da Gramática*, publicada em 1934 é uma das obras primas de Monteiro Lobato. De acordo com Pereira Jr. (2007) o criador do Sítio do Picapau Amarelo produziu o livro na mesma década em que traduziu *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898). A referência, direta, estava a serviço do projeto lobatiano de criar um paradidático sobre a língua portuguesa. Mais do que uma peça de ficção pedagógica, no entanto, Lobato constrói uma genuína gramática recreativa, complementar à da escola de seu tempo, ao disfarçar as regras em diálogos e dramatizações.

Essa história no País da Gramática surge de uma idéia da boneca Emília. O rinoceronte conta-lhe da existência desse país e ela logo chama Pedrinho, que estava tendo aulas de gramática com Dona Benta, para mais uma aventura. Os personagens Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde e Quindim rumam para o País da Gramática. Quindim guia toda turma na visita pelas cidades do país.

Dessa forma, pouco a pouco, os mecanismos de dinamização da língua vão se revelando para o leitor. As palavras nesse novo universo possuem vida própria, elas constituem personagens que tecem diálogos com os demais, participam dos acontecimentos e vivenciam as explicações das regras gramaticais. Emília, curiosa, conversa com a Senhora Etimologia, uma velhinha muito sabida que lhe fala sobre formação das palavras, deixando a boneca fascinada por esse universo. Ela também faz uma ilustre visita ao verbo ser em seu palácio, para tanto, a personagem imagina um estratagema e se apresenta como repórter de um jornal imaginário - O Grito do Picapau Amarelo.

A bonequinha ataca o reduto etimológico e conduz a briga entre as senhoras Ortografia Etimológica e Ortografia Simplificada. Com isso, ela consegue promover uma tremenda revolução ortográfica. No decorrer dessa aventura, o personagem Visconde de Sabugosa rapta o ditongo ãO, mas Emília, muito esperta, descobre a travessura do Visconde no fim da história. Ela obriga-o a devolvê-lo ao País da Gramática e meia hora mais tarde todos estão de volta no Sítio, contando ao Burro falante o passeio maravilhoso pelas terras da Gramática.

Neste livro, Lobato dramatiza a gramática e literalmente humaniza seus termos. Ele representa a língua como um país e leva para lá alguns personagens do Sítio, montados no rinoceronte, com o objetivo de conhecerem esse tal país imaginário. O personagem que conduz os outros nesta aventura é o paciente paquiderme Quindim. Pode-se perceber, através de uma das falas de Pedrinho, que o rinoceronte é considerado como um grandíssimo gramático. “— Pelo que diz a Emília, esse paquiderme é um grandíssimo gramático. — Com aquele cascão todo? — É exatamente o cascão gramatical.” (LOBATO, 1994, p. 8).

De acordo com Albieri (2005) os diálogos, que se compõem ao longo do livro de conversas entre as crianças, Quindim e os “habitantes do país”, que são as categorias gramaticais personificadas fez de *Emília no País da Gramática* o volume mais ilustrado das *Obras Completas* (1968), com 38 desenhos de J.U. Campos e André Le Blanc. Ocorre que, apesar da estrutura predominantemente dialógica do livro, há um narrador em 3ª pessoa, cujas

intervenções são mínimas no decorrer da obra. Este narrador, ainda antes da primeira conversa entre Pedrinho e D. Benta, antecipa seu conteúdo, a Gramática. Após esta intromissão, o diálogo entre Pedrinho e a avó expressa a idéia do menino sobre estudar as regras gramaticais.

Dona Benta com aquela paciência de santa, estava ensinando gramática a Pedrinho. No começo Pedrinho rezingou.

— Maçada, vovó. Basta que eu tenha de lidar com essa caceteação lá na escola. As férias que venho passar aqui são só para brinquedo. Não, não e não...(LOBATO, 1994, p. 07)

Embora houvesse resistência por parte do menino, a avó conseguia convencê-lo a estudar diariamente. As explicações da avó eram diferentes das que o menino tinha na escola. A maneira como D. Benta ensinava levava Pedrinho a compreender o sentido daquilo que aprendia, enquanto na escola o professor o fazia decorar uma porção de conceitos.

— Ah, assim, sim! — dizia ele. — Se meu professor ensinasse como a senhora, a tal gramática até que virava brincadeira. Mas o homem obriga a gente a decorar uma porção de definições que ninguém entende. Ditongos, fonemas, gerúndios. (LOBATO, 1994, p. 07)

Lobato utiliza a personagem Pedrinho para expressar sua crítica ao método convencional de aprendizagem escolar da língua e deixa claro, nesta obra, que está propondo uma nova maneira de lidar com esse conhecimento e ensiná-lo, de modo eficaz, às crianças. Ele encara o ensino da língua materna como um momento em que, mais do que ser apresentado a conceitos e nomenclaturas descontextualizadas dos textos em que os exemplos gramaticais foram retirados, deve-se vivenciar esse conhecimento, e, na obra, ele é apresentado em um divertido passeio. Emília, a famosa boneca falante, é quem tem a grande idéia de ir visitar o tal país da gramática. Ela é uma personagem curiosa e atrevida que não tem medo de dizer o que pensa.

De acordo com Abramovich (1993) que define nossa ilustre personagem, ela é desaforada se for preciso, mandona, corajosa, enfrentadeira, asneirenta no que diz, infatigável na sua energia de ir brincar, procurar, fazer, sair, se expandir, incansável e levando a todos com ela. Muito dona de seus próprios conceitos e critérios sobre todas as coisas: “verdade é uma espécie de mentira bem pregada, das que ninguém desconfia”. Personalíssima em tudo aquilo em que se mete: “Minhas memórias são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que devia haver”. Dura e lúcida: “Dizem todos que não tenho coração. É falso. Tenho sim, um lindo coração — só que não é de banana. Coisinhas à toa não o impressionam,

mas ele dói quando vê uma injustiça. Dói tanto, que estou convencida de que o maior mal deste mundo é a injustiça”.

Emília, a boneca falante do Sítio do Picapau Amarelo, a magistral e incomparável criação de Monteiro Lobato. Irreverente, crítica, debocha de tudo. Capaz de encontrar uma explicação da maior lógica para qualquer coisa que inventa. Descaradíssima, bota a língua pra fora para qualquer um que resolva afrontar, responde sem hesitação, sem se importar com cargo ou posição... Apronta e faz arzinho de santa. Espertíssima, sempre! Antes de alguém desconfiar do que está acontecendo, ela já previu todas as reações/ dificuldades/ próximos passos e toma providências para que tudo aconteça do jeito que imaginou e que quer! (ABRAMOVICH, 1993, p.62)

Esta bonequinha expressa, talvez, a indignação e o pensamento crítico de Lobato com relação às regras da língua, sempre difíceis de aprender e vistas de perto pelas personagens como uma aventura. No decorrer da obra, as revoltas da boneca se manifestam com relação às figuras do gramático e da própria gramática. Estes, a todo momento, são alvo das críticas impiedosas de Emília. “- Isso mesmo. Mas os senhores gramáticos são uns sujeitos amigos de *nomenclaturas rebarbativas*, dessas que deixam as crianças velhas antes do tempo.” (LOBATO, 1994, p. 11, grifos do autor). Lobato expressa sua posição assumida no livro, face à Ortografia, é de independência e claramente prefere a Ortografia Simplificada. Ele, mesmo suprimindo os termos das nomenclaturas ou quando não os suprime, mescla-os com metáforas, mantendo as bases da construção da “Gramática da Emília” e ensinando verdadeiramente seus leitores.

A respeito da produção desta obra, Mattos (1988) observa que muitos estudiosos de Lobato já afirmaram que ele tenha escrito a obra por vingança de ter sido reprovado, aos quatorze anos de idade, na prova de português. Ela afirma que nas cartas de Lobato é possível ver seu ressentimento com relação ao fato. Não é de se espantar, portanto, que um dia, quase vinte anos depois da intenção, em 1934, a desforra de Monteiro Lobato se transformasse em um livro para crianças no qual ele descreve as aventuras de Emília, Pedrinho, Narizinho, Visconde de Sabugosa e Quindim no País da Gramática. E que o livro se iniciasse com Pedrinho relutando em ter aulas de português com a avó. Em todo o decorrer da obra os gramáticos são vistos sempre como apegados às tradições e, portanto como entrave para a língua evoluir e o estilo florescer.

Utilizando sua criatividade, Lobato faz com que o fato de estar a passeio no país da gramática incentive o público leitor, ou seja, as crianças a tomarem consciência daquilo que estão aprendendo e analisar todas as informações que lhes são transmitidas. Com toda a

sua genialidade Monteiro Lobato consegue, ao mesmo tempo, fazer uma crítica sutil à didática utilizada no ensino de língua e demonstrar o novo método de aprendizado que ele estaria sugerindo, um método pelo qual todas as crianças se sentiriam a vontade para se aventurarem pelo universo do aprendizado da língua portuguesa.

A gramática e a língua

A fantástica viagem empreendida ao País da Gramática surgida da criatividade e do talento inigualáveis de Lobato, ao ser analisada por uma abordagem lingüística, demonstra que a obra possui algumas concepções a respeito da linguagem, sendo ensinadas juntamente com as tão criticadas regras gramaticais. Nesse país da Gramática, os personagens entram em contato com o mundo das palavras e com a história da língua portuguesa. A obra parece aderir a uma abordagem histórica da língua, podemos perceber através do modo como o autor descreve a cidade das palavras latinas, já completamente abandonada e que outrora fora uma cidade muito importante.

São os escombros duma cidade que já foi muito importante — a cidade das palavras latinas; mas o mundo foi mudando e as palavras latinas emigraram dessa cidade velha para outras cidades novas que foram surgindo. Hoje, a cidade das palavras latinas está completamente morta. Não passa dum montão de velharias. Perto dela ficam as ruínas de outra cidade célebre cidade do tempo antigo — a cidade das velhas palavras gregas. Também não passa agora dum monte de cacos veneráveis. (LOBATO, 1994, p.10)

De um modo semelhante, ele relata a questão da língua portuguesa e sua constituição no Brasil.

A cidade de Portugália dava a idéia duma fruta incôe — ou de duas cidades emendadas, uma mais nova e outra mais velha. A separação entre ambas consistia num braço de mar.

— A parte de lá — explicou o rinoceronte — é o bairro antigo, onde só existiam palavras portuguesas. Com o andar do tempo essas palavras foram atravessando o mar e deram origem ao bairro de cá, onde se misturaram com as palavras indígenas locais. Desse modo formou-se o grande bairro da Brasilina. (LOBATO, 1994, p.15).

Segundo Albieri (2005), do ponto de vista da cultura lingüística brasileira, a década de 30, em que fora escrita e publicada a primeira edição desta obra, destaca-se como um período de numerosa produção de gramáticas que recuperassem a história do idioma. Sendo a de Eduardo Carlos Pereira, intitulada Gramática Histórica, a mais conhecida destas. É interessante notar que esta gramática aparece na obra por meio de uma conversa entre Emília e Narizinho, que versa sobre o conhecimento gramatical de Quindim.

— Para mim — sugeriu Emília — Quindim comeu aquela **gramaticorra** que Dona Benta comprou. Lembre-se que a **bichona** desapareceu justamente no dia em que Quindim dormiu no pomar... Que bobagem Emília! Gramática nunca foi alimento... Apesar do absurdo de semelhante hipótese, Narizinho ficou meio abalada. Quem sabe lá se Quindim não tinha mesmo comido a “Gramática Histórica” de Eduardo Carlos Pereira? Acontece tanta coisa esquisita nesse mundo...-grifo nosso.(LOBATO, 1994, p.20).

Os gramáticos são alvo de incessantes críticas por parte de Lobato, a viagem da turma parece ser uma forma de o autor expressar uma espécie de revolta contra a gramática e os gramáticos, ele pretende mostrar que somos guiados na fala e no ensino da língua pelo preconceito dos que insistem em não reconhecer nosso direito à autonomia lingüística e à constante renovação da gramática. Observando o trecho acima, temos que o autor faz o uso de adjetivos aumentativos ao se referir à gramática. Ele a coloca como gramaticorra, bichona e deste modo consegue exprimir uma idéia de exagero, de algo grande e difícil, neste caso, de ser aprendido.

Lobato faz uso de metáforas para associar a figura do gramático. Primeiro ele o define como um “paquiderme cascudo” e mais tarde vai defini-los como os “grilos” da língua. Vale ressaltar que ambas as definições têm conotação pejorativa, uma vez que, o próprio Monteiro explica que grilos era o termo usado para designar os guardas policiais que andavam nas ruas de São Paulo naquela época. “... esse paquiderme é um grandíssíssimo gramático.” (LOBATO, 1994, p.8) “Os Galicismos são muito maltratados nesta cidade. As palavras nascidas aqui torcem lhes o focinho e os “grilos” da língua (os gramáticos), implicam muito com eles.” (idem, p.14). “Mas os senhores gramáticos são uns sujeitos amigos de nomenclaturas rebarbativas, dessas que deixam as crianças velhas antes do tempo.”(idem, p.11)

A visão de Monteiro Lobato a respeito da língua segue a idéia estruturalista de Saussure. Ele deixa transparecer em alguns pontos a noção de que a língua é uma instituição social e que trata-se de uma convenção estabelecida por aqueles que a utilizam. “ — A língua é uma criação popular na qual ninguém manda. Quem orienta é o uso e só ele. E o uso irá dando cabo de todos esses acentos inúteis.” (idem, p.67)

- E que serviço presta você, palavrinha? — perguntou Emília.
- Ajudo os homens a exprimirem suas idéias, como fazem todas as palavras desta cidade. Sem nós, palavras, os homens seriam mudos como peixes, e incapazes de dizer o que pensam. Eu sirvo para exprimir valentia. (LOBATO, 1994, p.13)

De acordo com Carvalho (2002) Saussure considera que a língua “não está completa em nenhum indivíduo, e só na massa ela existe de modo completo” (Saussure apud Carvalho, 2002, p.50), por isso, ela é, ao mesmo tempo, realidade psíquica e instituição social. Para Saussure, a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (idem); é “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.”(idem)

A concepção de uma estrutura

Falemos aqui a respeito da questão da estrutura. No livro “Emília no País da Gramática” Lobato demonstra ter consciência da existência de menores unidades divisíveis formadoras da língua se relacionando e constituindo um sistema. A exemplo disso, podemos observar a fala da personagem Quindim na chegada ao país da gramática:

— Mas chega de sons invisíveis — gritou a menina. Toca para diante. Quero entrar logo no tal País da Gramática. [...] — Nele já estamos — disse o paquiderme. — Esse país principia onde o ar começa a zumbir. Os sons espalhados pelo ar, e que são representados por letras, fundem-se logo adiante em **Sílabas**, e essas sílabas formam **Palavras** — as tais palavras constituem a população da cidade onde vamos.-grifo do autor (LOBATO, 1994, p. 8).

De acordo com Costa (2008) este foi o legado de Saussure para os estudiosos de lingüística. O reconhecimento de que a língua é uma estrutura, ou sistema, e que é tarefa do lingüista analisar a organização e funcionamento dos seus elementos constituintes.

Saussure, o precursor do estruturalismo, enfatizou a idéia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. A geração seguinte coube observar mais detalhadamente como o sistema se estrutura: daí o termo estruturalismo para designar a nova tendência de se analisar as línguas. (COSTA, 2008, p. 114).

Com um olhar mais aprofundado, segundo o posicionamento de Émile Benveniste (1989) o estruturalismo em lingüística tratava-se, antes de tudo, de mostrar nos elementos materiais da língua e, numa certa medida, acima, nos elementos significantes, duas coisas, os dois dados fundamentais em toda consideração estrutural da língua. Primeiro, as peças do jogo e em seguida as relações entre estas peças. O estruturalismo, portanto, compreende que a língua é formada por elementos coesos, que relacionam entre si e que funcionam baseados em um conjunto de regras, constituindo uma organização, um sistema, uma estrutura. A

organização desses elementos se estrutura seguindo as regras estabelecidas dentro do próprio sistema.

Devemos no atentar para a importante contribuição saussureana ao iniciar o estudo da língua como estrutura. Destarte, como observa John Lyons (1987) aquilo que comumente nos referimos como estruturalismo, especialmente na Europa tem origem múltipla. É convencional e conveniente datar o seu nascimento como movimento identificável em lingüística a partir da publicação do Curso de Lingüística Geral de Saussure em 1916. Muitas das idéias que Saussure reuniu nas conferências que deu na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911 podem ser remontadas ao século dezenove e além.

De acordo com Carvalho (2002) provavelmente Saussure não previu o alcance e a fecundidade de suas elucubrações. Pouco a pouco seus herdeiros foram aprofundando-as, difundindo-as, irradiando-as para o âmbito de outras ciências. Partindo da oposição fundamental sistema/não-sistema, o lingüista dinamarquês Luís Hjelmslev deu-lhe o enfoque que, a partir dos anos trinta, começou a generalizar-se com o nome de Estruturalismo. É importante assinalar que o próprio Saussure jamais usou o termo estrutura, e sim sistema, que, aliás, já aparece na sua obra *Mémoire*. Para o mestre suíço, a língua é um sistema de relações, cujos elementos devem ser estudados sincronicamente.

Sincronia e Diacronia

Temos por estes termos uma das dicotomias saussureanas que aparece de maneira implícita no texto de Monteiro. Podemos extrair da obra essas duas concepções lingüísticas que se relacionam ao método de investigação a ser adotado por Saussure em suas pesquisas. Observe o seguinte trecho do texto Lobatiano:

- O meu velho irmão *Tu* anda muito aborrecido porque o tal *Você* apareceu e anda a atropelá-lo para lhe tomar o lugar. Apareceu como? Onde veio? Veio vindo... No começo havia o tratamento *Vossa Mercê*, dado aos reis unicamente. Depois passou a ser dado aos fidalgos e foi mudando de forma. Ficou uns tempos *Vossemecê* e depois passou a *Vosmecê* e finalmente como está hoje—*Você*, entrando a ser aplicado em vez do *Tu*, no tratamento familiar ou caseiro. – grifo do autor (LOBATO, 1994, p. 23).

Para compreendermos melhor é preciso analisar a questão da sincronia e diacronia. De acordo com Saussure (2001) primeiramente devemos observar a existência de uma lingüística estática e de uma lingüística evolutiva. Os termos evolução e lingüística evolutiva são mais precisos e, por oposição, pode-se falar da ciência dos estados da língua ou

lingüística estática. Todavia, para assinalar essa oposição e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, Saussure prefere denominar de lingüística sincrônica e lingüística diacrônica. Ele explica que:

É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução.-grifo do autor (Saussure, 2001, p. 96).

Segundo o entendimento de John Lyons (1987) a explicação sincrônica difere da diacrônica ou histórica por ser estrutural em vez de causal: ela fornece um tipo de resposta diferente à pergunta Por que as coisas são como são? Em vez de investigar o desenvolvimento histórico de determinadas formas ou sentidos, ela demonstra de que maneira todas as formas e sentidos estão inter-relacionados num determinado sistema lingüístico, em determinado ponto no tempo. Para ele, o que Saussure afirmava em suas conferências de Genebra sobre Lingüística geral era que os modos de explicação sincrônico e diacrônico eram complementares; e que este era dependente daquele do ponto de vista lógico.

Podemos chegar ao entendimento de que enquanto o estudo sincrônico de uma língua tem como finalidade a descrição de um determinado estado dessa língua em um determinado momento no tempo, o estudo diacrônico busca estabelecer uma comparação entre dois momentos da evolução histórica de uma determinada língua. Analisando a primeira parte do trecho da obra citado anteriormente, temos que Monteiro demonstra o fato de os pronomes Tu e Você coexistirem em um mesmo momento e que o pronome Você “anda atropelando” o pronome Tu. O que ocorre aqui é uma espécie de contrato entre dois termos coexistentes e, portanto, de uma observação sincrônica.

Na segunda parte deste mesmo trecho, o autor faz uma observação acerca da evolução do termo Vossa Mercê para o termo Você. Ele demonstra passo a passo essa evolução, o que era de um modo se tornou de outro, um fator dinâmico e, deste modo, uma observação diacrônica. Lobato embora de maneira implícita, corrobora a idéia de Saussure (2001) relativa a esta dicotomia sincronia/diacronia.

O signo e a arbitrariedade do signo

Monteiro Lobato, quando cria esta obra prima paradidática, consegue através do uso da imaginação e de um modo metafórico, ensinar para crianças algumas concepções lingüísticas difíceis de serem compreendidas até mesmo por adultos. Vejamos que uma

destas questões inseridas na obra de Monteiro trata-se de um conceito muito caro ao lingüista Ferdinand de Saussure, a arbitrariedade do signo. É possível perceber em Lobato uma grande influência saussureana, em trechos como o seguinte que atestam a existência na obra da questão da arbitrariedade do signo, conforme discutida por Saussure.

— Que tantas cidade são aquelas, Quindim? — perguntou Emília. Todos olharam para a boneca, franzindo a testa. *Quindim?* Não havia ali ninguém com semelhante nome. — Quindim — explicou Emília — é o nome que *resolvi* botar no rinoceronte. — Mas que relação há entre o nome Quindim, tão mimoso, e um paquiderme cascudo destes? — perguntou o menino, ainda surpreso. — A mesma que há entre a sua pessoa, Pedrinho, e a palavra Pedro — isto é, nenhuma. Nome é nome; não precisa ter relação com o “nomado”. Eu sou Emília, como podia ser Teodora, Inácia, Hilda ou Cunegundes. *Quindim!*...Como sempre fui a botadeira de nomes lá do sítio, resolvo batizar o rinoceronte assim _ e pronto! Vamos, Quindim, explique-nos que cidades são aquelas. (LOBATO, 1994, p. 9).

Para compreendermos melhor esta questão da arbitrariedade do signo vamos retomar um ponto anterior, o conceito de signo. Sob o ponto de vista estruturalista, uma vez compreendido que a língua representa um conjunto de elementos solidários, uma estrutura, cabe-nos conhecer a natureza desses elementos. Saussure afirma que a língua é um sistema de signos e ele define o signo da seguinte forma “O signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica.” (Saussure, 2001, p.80), “O signo lingüístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, conceito e imagem acústica, esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (idem). Para prosseguir em seu estudo com a língua, ele propõe a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*. O lingüista justifica a escolha destes dois termos afirmando que eles têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte.

De acordo com Carvalho (2002) retomando a definição inicial do signo como a união do sentido e da imagem acústica, verificamos que o que Saussure chama de “sentido” é a mesma coisa que conceito ou idéia, isto é, a representação mental de um objeto ou da realidade social em que nos situamos, a representação condicionada, plasmada pela formação sociocultural que nos cerca desde o berço. Em outras palavras, para Saussure, conceito é sinônimo de significado, algo como a parte espiritual da palavra, sua contraparte inteligível, em oposição ao significante, que é sua parte sensível. Por outro lado, a imagem acústica “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (Saussure,

2001 p.80). Melhor dizendo, a imagem acústica é o significante. Com isso, temos que o signo lingüístico é “uma entidade psíquica de duas faces” (idem), semelhante a uma moeda.

Podemos designar, portanto, o significante como a parte perceptível do signo e o significado como sua contraparte inteligível. É importante advertir a esta altura que o signo une sempre um significante a um conceito, a uma idéia, a uma evocação psíquica, e não a uma coisa, pois, segundo R. Barthes (1972:46), “o significado não é uma coisa, mas uma representação psíquica da coisa”. O próprio Saussure teve o cuidado de chamar a atenção para o perigo de se supor que o signo une um objeto a um nome, a um rótulo. O lingüista deve ter sempre em mente que “os termos implicados no signo lingüístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação”-grifo do autor (CARVALHO, 2002, p.28)

Monteiro Lobato exprime, por meio da fala da boneca Emília, que, quando resolvemos colocar um nome em alguém ou em alguma coisa, esse nome não tem relação nenhuma com a coisa ou pessoa nomeada. Ao escolher o nome *Quindim* para o rinoceronte, Emília afirma que “nome é nome; não precisa ter relação com o nomado” (LOBATO, 1994, p.9). Desta forma, Lobato explica de modo implícito o que Saussure define como arbitrariedade do signo. E apesar de não utilizar as mesmas nomenclaturas, Monteiro consegue, metaforicamente, explicar a essência da questão da arbitrariedade. De acordo com Saussure (2001) o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário.

Ele dispõe um exemplo para explicar o que diz: a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à seqüência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes (Saussure, 2001, p. 81 e 82). Se interpretarmos isso veremos que a idéia de “mar” é representada em inglês pelo significante /si:/ e, em francês, por /mér/ comprovando o que o lingüista tenta nos ensinar. Segundo Costa (2008) afirmar que o signo lingüístico é arbitrário, como fez Saussure, significa reconhecer que não existe uma relação necessária, natural, entre a sua imagem acústica (seu significante) e o sentido a que ela nos remete (seu significado). Isso significa dizer que o signo lingüístico não é motivado, e sim cultural, convencional, já que resulta de um acordo implícito realizado entre os membros de uma determinada comunidade. Trata-se, portanto, de uma convenção.

E Lobato demonstra concordar com esta idéia “Eu sou Emília, como podia ser Teodora, Inácia, Hilda ou Cunegundes. *Quindim!*...Como sempre fui a botadeira de nomes lá

do sítio, resolvo batizar o rinoceronte assim _ e pronto!”(LOBATO, 1994, p. 9). Os demais personagens da história aceitam a nomeação de Quindim para o rinoceronte e assim todos convencionalizam chamá-lo deste modo. Este princípio da arbitrariedade necessita de uma importante observação sobre o que realmente Saussure queria dizer com a palavra arbitrário. Ele observa no sentido de que a compreensão para arbitrário não implica que o significado dependa da livre escolha do falante. De modo a ressaltar que a língua é de fato social e não está ao alcance do indivíduo nela promover mudanças.

Para ele, arbitrário não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, [porque] não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo lingüístico; queremos dizer que *o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado*, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. – grifos do autor. (SAUSSURE apud CARVALHO, 2002, p. 30).

Vejamos, portanto, que as idéias exploradas por Lobato relativas à esta questão encontram-se em sintonia com o pensamento saussureano. O autor ensina implicitamente o mesmo que o lingüista em seu Curso de Lingüística Geral, porém ele o faz através de uma linguagem um pouco mais clara e compreensível, linguagem esta que torna a conceituação desta concepção lingüística acessível a qualquer público.

Variação e mudança da língua

Monteiro Lobato foi um homem com visões e pensamentos que estavam muito além da sua época. Era engajado em causas sociais e desejava, incessantemente, o desenvolvimento econômico do país. De acordo com Pereira (2004) há quem diga que despir a língua dos rebuscamentos literários e optar por uma linguagem mais natural, próxima do coloquial, foi o principal aspecto responsável pelo sucesso de público que, Emília no País da Gramática, alcançou em seu tempo. A obra delineia noções de uma lingüística geral, passando uma concepção da língua em quase toda sua complexidade, com fatos de ordem lexical, gramatical, sintática, semântica, ortográfica, fonológica, pragmática e discursiva, antecipando-se aos seus contemporâneos dedicados à escrita e ao ensino da língua.

Apesar de Lobato não fazer parte da esfera de especialistas em língua, era simpatizante de uma lingüística que deve descrever e explicar, mas não corrigir. Uma lingüística que, longe de ser normativa, discriminatória ou limitadora, deveria ser emancipatória, baseando – se nas situações de uso, como não compreendiam os seus contemporâneos. Entendemos que Lobato era uma amante da língua e, por isso, tentava

absorver dela muito do que ela oferece. Prova disto é que escreveu o livro objeto deste estudo inteiramente dedicado ao ensino das questões relativas à língua. Podemos encontrar na obra trechos que possam demonstrar o fato de que Lobato considerava, em seu entendimento sobre a língua, as possibilidades da variação e da mudança lingüística.

- Que molecada é esta? — Perguntou a menina. São palavras da *Gíria*, criadas e empregadas por malandros ou gatunos, ou então homens dum mesmo ofício. A especialidade delas é que só os malandros ou tais homens dum mesmo ofício as entendem. Para o resto do povo nada significam. — grifo do autor [...] Tenho, sim. Toda esta rapaziada é gentinha da *Gíria*, como eu. Preste atenção naquela de olho arregalado. É a palavra *Otário*, que os gatunos usam para significar “trouxa” ou pessoa que se deixa lograr pelos espertalhões. Com a palavra *Otário* está conversando outra do mesmo tipo, *Bobo*. Bobo sei o que significa — disse Pedrinho — Nunca foi *gíria*. Lá em cima — explicou *Bamba* — *Bobo* significa uma coisa; aqui em baixo significa outra. Em língua de *gíria* *Bobo* quer dizer relógio de bolso. Quando um gatuno diz a outro: “Fiz um bobo” quer significar que “abafou” um relógio de bolso. (LOBATO, 1994, p. 13) (grifos do autor)

Pela observação destes trechos vemos que Lobato fala de uma questão lingüística que será trabalhada somente anos mais tarde, com o advento da Sociolingüística. Uma observação se faz necessária porque a Sociolingüística se desenvolve na década de 1960, especialmente com os trabalhos de Labov e este livro que estudamos foi publicado pela primeira vez em 1934, portanto, Lobato ainda não teria tido acesso a este ramo lingüístico. Porém, pela influência de Saussure, Lobato consegue extrair essa visão de variação, não trabalhada do mesmo modo como na sociolingüística, uma vez que estava fora do âmbito do objeto de estudo de Saussure, mas de um modo mais primitivo onde o lingüista também considerava o fato da língua ser mutável.

Eis alguns exemplos: o latim *necare*, “matar”, deu em francês *noyer*, “afogar”. Tanto a imagem acústica como o conceito mudaram; é inútil, porém, distinguir as duas partes do fenômeno; basta verificar in globo que o vínculo entre a idéia e signo se afrouxou e que houve um deslocamento em sua relação. — grifo do autor (Saussure, 2001, p. 89).

De acordo com Saussure (2001), em seu Curso de Lingüística Geral, uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das conseqüências da arbitrariedade do signo. Para ele, os elementos unidos nos signos guardam sua própria vida, numa proporção desconhecida em qualquer outra parte, e que a língua se altera ou, melhor evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados. Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista. Ao fim de certo tempo, podem-se sempre comprovar deslocamentos sensíveis. Lobato explica em seu texto a mudança de algumas palavras, a

explicação dada embora seja metafórica, ensina e demonstra que realmente há uma evolução na língua.

— Antigamente Pôr pertencia à Segunda Conjugação e chamava-se *Poer*. Mas o tempo, que tanto estraga e muda os verbos, como tudo mais, fez que apodrecesse e caísse o E de *Poer*. Ficou Pôr, como está hoje. Os gramáticos então criaram uma nova conjugação para ele e seus parentes *Compôr*, *Depôr*, *Propôr*, *Dispor*, *Antepôr*, *Supôr* e outros. — grifo do autor [...] — A boba! — exclamou Emília, com toda irreverência. — Se tudo na vida muda, por que as palavras não haveriam de mudar? Até eu mudo. Quantas Vezes não mudei esta carinha que a Senhora está vendo? (LOBATO, 1994, p. 26-62)

Podemos perceber que Lobato considera aqui a importância do fator tempo quando ele diz que o tempo muda os verbos e tudo mais que existe. Observando o pensamento saussureano que diz que o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal, vemos que há em Monteiro o reflexo claro deste pensamento. E ele ainda completa a idéia afirmando que tudo na vida muda inclusive as palavras. Lobato tem com a linguagem um tratamento natural e ao mesmo tempo modernizante. Assim, ele encontra espaço para falar sobre as normas da língua e ainda consegue envolver as concepções lingüísticas em um mundo imaginário e atraente. Dessa forma, tais concepções tornam-se fáceis de serem compreendidas.

Considerações finais

O trabalho que ora encerramos configura-se em uma observação do que a obra *Emília no País da Gramática* de Monteiro Lobato representa no contexto cultural em que foi concebida. Ocorre a integração entre a lingüística e a literatura, tendo os ensinamentos referentes à língua como elemento temático relevante, na construção desta narrativa. As aventuras vividas pelas personagens neste País da Gramática constituem uma incursão no universo lingüístico e literário contemporâneo do escritor, recriado à base da ficção, no qual interagem elementos e fatos reais e imaginários.

O escritor insere sua obra dentro de seu próprio tempo e procura concretizar sua proposta de modernização da língua e da sociedade. Observa os ensinamentos gramáticos existentes e fala a respeito das reformas que estavam por vir. Como pudemos observar, esta obra de Lobato apresenta várias concepções lingüísticas relacionadas aos ensinamentos do mestre Genebrino F. de Saussure. É também evidente a semelhança que há entre alguns posicionamentos adotados pelo autor e a teoria estruturalista de estudo da língua.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil gostoseiras e bobices*. 3ª edição. São Paulo: Scipione, 1993.
- ALBIERI, Thais de Mattos. *Lobato: a cultura gramatical em Emília no País da Gramática*. Tese de mestrado orientada por Marisa Philbert Lajolo. Campinas-SP, publicada em 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Tradução e revisão Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.
<http://lobato.globo.com/biografia>. acesso: 03/06/2008.
- CAMARGOS, Márcia e SACCHETA, Vladimir. *Linha do Tempo de Monteiro Lobato*. Disponível em: http://lobato.globo.com/lobato_linha.asp acesso: 03/06/2008.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. 11ª Ed. Corrigida. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil teoria/análise/didática*. 7ª edição. São Paulo: Moderna, 2008.
- COSTA, Marco Antonio. *Estruturalismo* in Manual de Lingüística. Mario Eduardo Martellota(org.). São Paulo: contexto, 2008.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil Teoria e Prática*. 10ª edição. São Paulo: Ática, 1990.
- JUNIOR, Luiz Costa Pereira. *A gramática de Emília*. Revista Língua Portuguesa, São Paulo, ano II, nº 27, p. 36-42, jan. 2007.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira-História e Histórias*. Série fundamentos. São Paulo: Ática, 1985.
- LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. 39ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LOPES, Eliane M. T.; GOUVÊA, Maria C. S. de. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LYONS, John. *Linguagem e Lingüística-uma introdução*. Tradução de Marilda Winkler Averbuy e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.
- MATTOS, Maria Augusta Bastos de. *A Gramática da Emília*. Texto apresentado no GEL, 1988. Disponível em <http://unicamp.br/iel/memorial/ensaios/maugusta.htm> acesso em 17/04/2008.
- OLIVEIRA, Clenir Bellezi. *Vanguardas Européias e Semana de Arte Moderna*. Revista Literatura sem Segredos. Vol.9 ed. Escala educacional.

PEREIRA, Maria Otilia Farto. *Estilo e Metalinguagem na Literatura de Monteiro Lobato*. Tese de doutorado - UNESP, 2004.

PINTO, Edith Pimentel. *A Gramatiquinha de Monteiro Lobato*. Revista Leitura. Publicação cultural da imprensa oficial do Estado de São Paulo, setembro, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 23ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.